

Percepção do professor sobre o fenômeno *bullying* no ambiente escolar

Valéria Ferreira*
Janaina Fatima Rowe**
Lisandra Antunes de Oliveira***

Resumo

A pesquisa teve por objetivo conhecer a percepção do professor acerca do *bullying* e saber que sentimentos as situações de *bullying* despertavam nele. A violência no ambiente escolar tem sido um problema cada vez mais frequente. O *bullying* caracteriza-se por um relacionamento interpessoal marcado por um desequilíbrio de forças, envolvendo atitudes agressivas, intencionais e repetidas, tomadas por um estudante contra o outro. Nesse contexto, o professor contribui para favorecer o bem-estar psicossocial no ambiente escolar. Os participantes foram cinco professores da rede pública de ensino, que responderam a um questionário semiestruturado. Para analisar os dados, foi utilizado o método de análise de conteúdo. De modo geral, os resultados indicam que os professores enfrentam esse tipo de violência em seu cotidiano. Eles têm interesse em reduzir esses comportamentos, assim como se sentem afetados e acreditam que o *bullying* prejudica o trabalho em sala de aula. Palavras-chave: *Bullying*. Relação professor-aluno. Ambiente escolar.

1 INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição de grande importância na vida do sujeito. As relações sociais entre professores, pais e estudantes são fatores constituintes na formação da personalidade. As experiências construídas nesse espaço pelo sujeito contribuem para moldar suas relações na família e na sociedade (MARRIEL et al., 2006).

A prática da violência no ambiente escolar não é um fenômeno recente, porém está se tornando um grave problema social e de saúde pública (PINHEIRO, 2006; SILVA, 2006).

A violência aparece como um problema cada vez mais frequente nas escolas atuais. Ela tem sido percebida de maneira ampla, como resultante da interação entre fatores individuais e fenômenos sociais, como a família, a escola e a comunidade. O discurso cultural tem-se reproduzido na escola e, por se tratar de um fenômeno multicausal, muitas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da capacidade das instituições e funcionários (SILVA, 2006; BEAUDOIN, TAYLOR, 2006; CATINI, 2004).

A violência no ambiente escolar manifesta-se de diversas formas; entre estas, o *bullying* tem-se destacado, e se configura uma relação desigual de poder entre pares.

O *bullying* é um tipo de violência que envolve todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que acontecem sem motivação evidente, tomadas por um ou mais estudante contra outro(s), ocasionando dor e angústia, sendo efetuadas em uma relação desigual de poder. As agressões podem ser de natureza física, psicológica ou sexual. É uma forma de afirmação de poder interpessoal por meio da agressão (LOPES NETO, 2005).

* Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina *Campus* de São Miguel do Oeste; valerinhaferreira@yahoo.com.br

** Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina *Campus* de São Miguel do Oeste.

*** Mestre em Psicologia Social e da Personalidade e professora do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Constitui um relacionamento interpessoal marcado por um desequilíbrio de forças. As vítimas típicas são mais frágeis, tímidas, com baixa autoestima, submissas, ansiosas, inseguras ou depressivas. As vítimas provocativas apresentam reações de ansiedade e agressividade. Em geral, têm opinião negativa de si mesmas, podendo ser hiperativas, dispersas, inquietas e tentam responder quando são atacadas, porém, muitas vezes, fazem de maneira ineficaz. Os agressores são fisicamente mais fortes, possuem baixa tolerância às frustrações, sentem necessidade de dominar e se impor por meio de ameaças e, muitas vezes, apresentam atitude hostil com adultos. Não são inseguros nem ansiosos e possuem uma visão positiva de si mesmos. Há, também, os espectadores que frequentemente se calam por medo de se tornarem as próximas vítimas (OLWEUS, 1993 apud CATINI, 2004).

Os comportamentos violentos que caracterizam o *bullying* podem ser classificados como diretos ou indiretos. No *bullying* direto, a vítima é atacada com apelidos, agressões físicas, ameaças, chantagens e roubos. No *bullying* indireto, são características atitudes de indiferença, desprezo, isolamento e difamação da vítima (LOPES NETO, 2005).

Esses comportamentos ocorrem nas escolas e, na maioria das vezes, são encarados como naturais e ignorados, disfarçados ou mascarados pelos pais e professores. Compreendem uma violência mais sutil e de menor visibilidade, porém não menos importantes (MARRIEL et al., 2006).

Entretanto, um levantamento realizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), em 2002, com 5.875 estudantes de 5ª a 8ª série, de 11 escolas localizadas no município do Rio de Janeiro, revelou que 40,5% desses alunos admitiram ter estado diretamente envolvidos em atos de *bullying*, sendo 16,9% alvos, 10,9% alvos/autores e 12,7% autores de *bullying*.

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (2002) ressalta que o *bullying* é um problema mundial, encontrado em qualquer escola, tanto nas instituições públicas quanto privadas. Entre as principais ações que podem estar presentes em casos de *bullying*, podem-se citar: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences, entre outros.

Buscando conhecer a percepção do professor a respeito do *bullying* no ambiente escolar, este estudo discutirá a importância do papel do professor e que sentimentos o *bullying* tem despertado nele.

Acredita-se que tanto o professor quanto o aluno têm direito a um ambiente escolar seguro, que lhes favoreça uma convivência interpessoal de respeito à dignidade humana e à cidadania, caracterizada pela aceitação e acolhimento das diferenças individuais, sendo estas variáveis essenciais à saúde e ao bem-estar psicossocial durante a realização das atividades de ensino-aprendizagem (MASCARENHAS, 2006).

Lopes Neto (2005) postula que a escola é vista tradicionalmente como um local de aprendizado acadêmico. No entanto, a Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas preveem o direito à dignidade e ao respeito, sendo a educação percebida como um meio de fornecer o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania.

Catini (2004) postula que o *bullying* não é um fenômeno isolado e aponta como os principais fatores de risco associados os fatores da personalidade, dificuldades nas relações sociais, autoestima, percepção do problema, ser vitimizado na escola ou fora dela, violência na comunidade, desajustes familiares, práticas educativas parentais, contexto escolar, alienação escolar e violência na mídia.

As escolas precisam enfrentar o *bullying* construindo estratégias que favoreçam o bem-estar psicossocial no ambiente educativo. A escola não pode ser um espaço de homogeneização, mas sim de resgate e respeito aos valores e às diferenças. As pessoas precisam aprender a reconhecer, assumir e aceitar a sua diferença, mas também necessitam aprender na escola a reconhecer como normal e natural a diferença de seus pares para poder respeitá-la (MASCARENHAS, 2006).

O papel do professor no mundo atual extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno. Seu trabalho está para além da sala de aula e deve articular escola e comunidade. No entanto, ainda que o sucesso da educação dependa do perfil do professor, a administração escolar não provê os meios pedagógicos necessários à realização das tarefas, cada vez mais complexas. Os professores são forçados a buscar, então,

por seus próprios meios, formas de requalificação que se manifestam em aumento não reconhecido e não remunerado da jornada de trabalho. O sistema educacional coloca no professor a responsabilidade de cobrir as lacunas da instituição que, com frequência, institui mecanismos severos e redundantes de avaliação e contrata um efetivo insuficiente, entre outros (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005).

Conforme Fochesi (1990 apud FERNANDES; ROCHA; SOUZA, 2005), o professor, em seu papel de desenvolver o pensamento crítico do escolar, contribui para que os estudantes desenvolvam comportamentos favoráveis à saúde.

Contudo, o desgaste emocional e psicológico dos docentes frequentemente é ignorado pelas instituições de ensino que, muitas vezes, naturalizam a situação de exaustão e estresse como um ônus da profissão. É necessário que o professor tenha consciência dos efeitos que as atividades em sala de aula onde o *bullying* e a indisciplina não são controlados podem provocar no seu estado emocional (MASCARENHAS, 2006).

Em estudos feitos por Marriel et al. (2006), boa parte da fala dos alunos se tratava do relacionamento com educadores. O estudo mostrou que o autoritarismo e o abuso de poder comprometem a relação de confiança entre professor e aluno, além de favorecer a baixa autoestima do adolescente. A desvalorização social do professor reflete-se na sala de aula, levando o aluno a desvalorizá-lo também.

Oliveira e Antonio (2006) também citam que as relações constituídas nos grupos sociais, entre estes, a família e a escola são alicerces para a construção da autoestima e sociabilidade do sujeito.

Assim, espera-se que a escola seja um espaço seguro e saudável onde os potenciais sejam desenvolvidos ao máximo. A presença e testemunho de qualquer forma de violência nesse ambiente podem acarretar danos físicos e psicológicos no sujeito, seja de forma passageira, seja mais persistente (LOPES NETO, 2005).

A relação professor-aluno é de extrema relevância na atuação sob a violência e no desenvolvimento de características individuais. Atitudes relativamente simples de respeito e afeto por parte do professor podem ser muito positivas, colaborando para diminuir a violência no ambiente escolar (MARRIEL et al., 2006).

Silva e Hoch (2007), em um estudo com alunos, constataram que uma atitude positiva – de tranquilidade, afetividade e proximidade – estava relacionada às descrições de um bom facilitador.

Para conhecer a dimensão do problema e estratégias de intervenção, é importante considerar a percepção das pessoas. Acredita-se que conhecendo a percepção dos professores, poder-se-á influenciar o quanto e como eles estão dispostos a intervir.

Não se pode depositar nos professores a responsabilidade por todo *bullying* que ocorre nas escolas; no entanto, o *bullying* não é apenas um problema dos alunos, muito menos resultado natural da competição (PALÁCIOS; REGO, 2006).

2 MÉTODO

O fenômeno *bullying* tem sido alvo de muitas pesquisas nos últimos anos no Brasil (CATINI, 2004; MASCARENHAS, 2006; PINHEIRO, 2006; SILVA, 2006). Contudo, a maioria desses trabalhos foi feita pelo viés quantitativo. Percebe-se a necessidade de uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa trabalha com um nível de realidade que não é mensurável, quantificado, responde a questões muito particulares, ocupando-se das significações, motivos, aspirações, valores e atitudes; seu objeto de estudo dificilmente poderá ser traduzido em números (MINAYO, 2003).

Esse tipo de pesquisa promoveu maior aproximação com as experiências dos sujeitos, no caso, enfocando a percepção dos professores, seus sentimentos e estratégias de prevenção em relação ao *bullying*.

A investigação ocorreu com professores da rede pública de ensino. A população para o estudo foi de cinco professores.

Para a coleta de dados, foram utilizados questionários semiestruturados. Essa forma de coleta facilitou a exploração das experiências e dos sentimentos vivenciados pelo professor e propiciou um campo rico para analisar as percepções e subjetividade. As respostas foram posteriormente analisadas. As perguntas facilitaram ao professor verbalizar suas percepções e sentimentos.

O sigilo da identidade dos participantes foi garantido, prevenindo quaisquer riscos. Os questionários foram entregues e preenchidos mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com as devidas orientações.

Para o procedimento de análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2000).

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao longo do trabalho ficou evidente que os professores percebem situações de *bullying* entre os alunos:

Já pude perceber situações assim, principalmente com alunos do 3º ano do ensino médio. Eles formam grupos tentando amedrontar os mais tímidos (informação verbal)¹.

O que mais ocorre é o deboche, o sarcasmo, a ironia [...] Já tentaram fazer isso com professores, inclusive comigo, mas não tiveram êxito (informação verbal)².

As situações mais comuns envolvem atribuição de apelidos, ofensas, exclusão e isolamento. Em muitas situações, os adolescentes são intolerantes com relação a diferenças tanto na maneira de ser quanto na forma de pensar; por isso, se no grupo alguém se comporta de uma maneira diferente (diferente do ponto de vista da maioria), este é, muitas vezes, humilhado, excluído e perseguido. E essa perseguição se dá, na maioria das vezes, através de apelidos e comentários agressivos (informação verbal)³.

Na escola em que trabalho não é tão corriqueiro este tipo de atitude, mas, mesmo assim, em alguns momentos percebe-se esse tipo de situação [...] (informação verbal)⁴.

Em relação aos sentimentos despertados nos professores, identificou-se o sentimento de impotência e de angústia diante das situações. Eles demonstraram ter consciência do desgaste emocional que esse tipo de situação pode causar:

Sinto-me pequena, pois não foram tais valores que nós repassamos a eles. Despertam insegurança e fragilidade em nós, pois passamos todas as aulas dando exemplos, repassando valores e nos deparamos com alunos que se transformam em pequenos marginais (informação verbal)⁵.

Sinto-me impotente, decepcionada, e isso tudo vai gerando uma situação de desmotivação e insatisfação de estar naquele meio (informação verbal)⁶.

Eu percebo o *bullying* na escola com muita angústia e repugnância, pois é uma situação desagradável (informação verbal)⁷.

Quando percebo esse tipo de atitude por parte de alguns alunos, não deixo de sentir indignação e raiva em alguns momentos, uma sensação de piedade por parte daqueles que estão sendo expostos a essas situações (informação verbal)⁸.

Sinto-me principalmente angustiada, porque, muitas vezes, não sei que atitude tomar. Em certos momentos, sinto "pena" de alguns alunos que não reagem e, de certa forma, aceitam a situação passivamente. Em relação aos agressores, sinto-me revoltada devido ao gosto que sentem em humilhar, agredir e tyrannizar (informação verbal)⁹.

Como ilustram as falas, algumas entrevistadas mencionaram um sentimento de piedade e compaixão pelas vítimas e repugnância pelos agressores. Constatou-se, também, que os professores identificaram a necessidade de reconhecimento dos alunos agressores, corroborando a descrição de Olweus (1993 apud CATINI, 2004), que reconhece no agressor uma necessidade de dominar por meio das agressões.

Percebe-se um grande desinteresse dos alunos em querer evoluir, aprender, estudar; então, eles partem para a agressão (informação verbal)¹⁰.

A indisciplina por parte de alguns alunos fere e machuca aqueles que se sentem mais "acoados" e tímidos (informação verbal)¹¹.

Souza e Castro (2008) consideram que os impulsos agressivos são inerentes à condição humana, e a escola não poderia deixar de vivenciar manifestações do comportamento agressivo. Para estes, as crianças depositam nos professores suas necessidades de atenção e afeto e esperam encontrar neles parâmetros e limites que não foram instituídos pela família.

Os professores entrevistados demonstraram preocupação em relação aos alunos vítimas, aos agressores e aos espectadores; além disso, sentem-se responsáveis por desenvolver estratégias para inibir esse tipo de comportamento.

[...] em muitos momentos me sinto impotente, mas procuro agir com cautela. Às vezes, procuro conversar com os agressores. Também, busco conversar com as vítimas. Além disso, sempre que possível realizo um trabalho com o grupo, que tem como objetivo fazer com que os alunos reflitam sobre suas atitudes (informação verbal)¹².

Ter muita paciência, não perder o controle, respirar fundo e com calma conversar com os alunos, explicar que tais atitudes não levam a nada e a lugar nenhum, e que a escola é um ambiente de aprendizado e não de agressões e desrespeito. São situações delicadas, e é necessário muita calma e discernimento para acalmar e tentar harmonizar o ambiente (informação verbal)¹³.

Fico atenta em sala de aula a esses grupos e seus padrões de comportamento e lideranças, pois não se resolve o problema de panelinhas dissolvendo ou afastando suas lideranças, mas fazendo esforço para entendê-las, potencializá-las e tê-las ao meu favor, em prol da aprendizagem. Presto atenção aos comportamentos externos, como isolamento, desânimo, falta de atenção, baixo rendimento [...] entre outros sintomas (informação verbal)¹⁴.

Eles veem o *bullying* como um problema complexo, que não depende somente da escola, uma vez que esta não dispõe de meios para lidar com esse tipo de situação de maneira eficaz.

Porém, o professor e a escola não podem ser os únicos responsáveis pela educação dos alunos, pois muito da personalidade deles é reflexo da personalidade nata, que vem de casa (informação verbal)¹⁵.

[...] percebo que a escola ainda está inabilitada para trabalhar com a afetividade; os alunos estão mais agressivos, o que, muitas vezes, reproduzem aquilo que vivenciam no ambiente familiar ou social; e nós professores também apresentamos um grande desgaste emocional, o que dificulta uma ação mais correta diante dessas situações (informação verbal)¹⁶.

Na última fala, verifica-se, também, que houve uma preocupação dos professores em trabalhar afetividade, indo ao encontro do estudo realizado por Silva e Hoch (2007), que considerou a afetividade uma das principais características de um bom professor. Outro fator importante constatado nesse mesmo trabalho foi que os alunos valorizam a posição de escuta e compreensão empática por parte do professor. Aqui, percebe-se que o professor também demonstra essa preocupação em escutar os alunos nas situações de *bullying*.

De certa forma, tento saber do aluno o porquê de tais atitudes, muitas vezes, ele revela problemas familiares de agressão e desrespeito (informação verbal)¹⁷.

Muitas vezes, é necessário ouvir os alunos, tentar ajudá-los e buscar entender o que leva eles a terem tais atitudes. Mas, com certeza, a escola deve desenvolver um olhar mais observador, na tentativa de detectar esses problemas e buscar soluções; eu penso, em primeiro momento, chamar esses alunos para conversar, desenvolver neles a sensibilidade de se resgatar valores que estão sendo deixados para trás (informação verbal)¹⁸.

Esta fala exemplifica a crença do professor em um modelo de relação professor-aluno ideal encontrada por Souza e Castro (2008), em que os valores são pautados na compreensão, respeito e tolerância e transmitidos na relação com as crianças.

Corroborando ainda com a pesquisa de Souza e Castro (2008), observa-se que os professores cumprem papel ativo no manejo da agressividade; mesmo com o desgaste causado pelas situações de *bullying*, tomam providências para tentar resolver esse tipo de problema.

4 CONCLUSÃO

Considerando-se o *bullying* no ambiente escolar, de modo geral, os professores enfrentam esse tipo de violência em seu cotidiano. Eles têm interesse em reduzir esses comportamentos, assim como se sentem afligidos e acreditam que o *bullying* prejudica o seu trabalho em sala de aula. Todavia, os professores não conseguem resolver sozinhos, somente com o seu trabalho, esse problema tão complexo.

O fenômeno *bullying* tem sido alvo de muitos estudos nos últimos anos. Há uma preocupação crescente, não somente com o *bullying*, mas com a violência em geral nas escolas e entre crianças e adolescentes. As publicações sobre o tema ainda são insuficientes. Trata-se de um problema social, de saúde grave, e são necessários ainda muitos estudos na área da psicologia quanto ao tema.

Concorda-se com Lopes Neto (2005) quando este coloca a questão da inexistência de políticas públicas que priorizem ações de prevenção ao *bullying* e garantam a saúde e a qualidade da educação no Brasil.

As escolas nem sempre dispõem dos meios necessários para prevenir a violência; assim, o trabalho do psicólogo no ambiente escolar tem-se mostrado cada vez mais imprescindível.

Ressalta-se aqui o papel do psicólogo em engajar-se nesse movimento para a construção de políticas públicas que possam reduzir esse problema de forma efetiva, lutando por saúde e melhor qualidade de vida das pessoas.

Abstract

The research aimed to know the perception of the teacher about the bullying and know that the feelings aroused situations of bullying them. The violence in the schools has been seen as a problem increasingly frequent. Bullying is characterized by an interpersonal relationship characterized by an imbalance of forces, involving aggressive actions, intentional and repeated taken by a student against another. In this context, the teacher helps to promote the psychosocial well-being in the school environment. Participants were 5 teachers from public schools, who responded to a semi-structured questionnaire. To analyze the data, we used the method of content analysis. Overall, the results indicate that teachers face this kind of violence in their daily lives. They have an interest in reducing these behaviors, as well as feel affected and believe that the bullying affect your work in the classroom.

Keyword: Bullying. Teacher-student. School environment.

Notas explicativas

¹ Fornecida por Professora 1 aos autores.

² Fornecida por Professora 2 aos autores.

³ Fornecida por Professora 3 aos autores.

⁴ Fornecida por Professora 4 aos autores.

⁵ Fornecida por Professora 2 aos autores.

⁶ Fornecida por Professora 5 aos autores.

⁷ Fornecida por Professora 1 aos autores.

⁸ Fornecida por Professora 4 aos autores.

- ⁹ Fornecida por Professora 3 aos autores.
¹⁰ Fornecida por Professora 2 aos autores.
¹¹ Fornecida por Professora 5 aos autores.
¹² Fornecida por Professora 3 aos autores.
¹³ Fornecida por Professora 5 aos autores.
¹⁴ Fornecida por Professora 2 aos autores.
¹⁵ Fornecida por Professora 2 aos autores.
¹⁶ Fornecida por Professora 1 aos autores.
¹⁷ Fornecida por Professora 5 aos autores.
¹⁸ Fornecida por Professora 1 aos autores.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em: <www.bullying.com.br>. Acesso em: 21 set. 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CATINI, Nilza. **Problematizando o "Bullying" para a realidade brasileira**. 2004. 206 f. Tese (Doutorado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004.

FERNANDES, Marcos Henrique; ROCHA, Vera Maria; SOUZA, Djanira Brasilino de. A concepção sobre saúde do escolar entre professores do ensino fundamental (1ª a 4ª séries). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 2, p. 283-291, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n2/03.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2009.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2009.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 2 nov. 2009.

MARRIEL, Lucimar Câmara et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2009.

MASCARENHAS, Suely. Gestão do bullying e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia). **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 7, n. 1, p. 95-107, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v7n1/v7n1a08.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Agnes Schutz de; ANTONIO, Priscila da Silva. Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying: possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, 2006. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/original_04.htm>. Acesso em: 17 out. 2009.

PALÁCIOS, Marisa; REGO, Sergio Tavares de Almeida. Bullying: mais uma epidemia invisível? **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, 2006.

PINHEIRO, Fernanda Martins França. **Violência intrafamiliar e envolvimento em "Bullying" no ensino fundamental**. 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial)–Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

SILVA, Cleumara da; HOCH, Verena Augustin. **A afetividade na relação professor-aluno e sua influência na aprendizagem**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)–Universidade do Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, 2007.

SILVA, Dezir Garcia da. **Violência e estigma: bullying na escola**. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas)–Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006.

SOUZA, Maria Abigail de; CASTRO, Rebeca Eugênia Fernandes de. Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2009.